

## A ADOLESCÊNCIA E O ADOLESCENTE AO LONGO DA HISTÓRIA: SUBSÍDIOS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM

Marcela Astolphi de Souza<sup>1</sup>, Luciana de Lione Melo<sup>2</sup>

Na história da humanidade existem diversas concepções de adolescência. Deve ser compreendida como um processo de construção sob condições sócio-histórica-culturais específicas, pensada para além da idade cronológica, da puberdade e das transformações físicas. Não deve ser encarada como uma ponte entre infância e vida adulta, mas sim como uma fase de ajustes para alcançar a vida adulta. Seria uma grave simplificação atribuir todas as características do adolescente à sua mudança psicobiológica, como se tudo isto não estivesse ocorrendo no âmbito social. Assim, a definição de adolescência adquiriu significados e significações diversas ao longo da história e, portanto, só é possível compreendê-la a partir da sua historicidade. A importância de apreender sobre o adolescente e sua visão de mundo está pautada nas necessidades de saúde que engloba promoção, prevenção e recuperação, considerando-o como um cliente em potencial, que necessita de cuidados de enfermagem específicos e individualizados. O objetivo deste estudo é descrever as diversas concepções de adolescência como subsídio para o cuidado em enfermagem. Trata-se de um estudo teórico-crítico sobre a história da adolescência. O material bibliográfico - artigos e livros - foi acessado virtual e presencialmente, sem delimitação temporal. Na Grécia antiga, os jovens recebiam uma educação especial que os preparava para uma vida comunitária. Esta preparação visava não somente ao aprendizado das letras, mas também o treinamento militar e a educação sexual. Nesta época, destacava-se o forte e o corajoso, sendo a juventude, sinônimo de disposição e vigor físico. No Império Romano, a educação dos jovens ficava a cargo dos pais, procurando formar o agricultor, o cidadão ou o guerreiro. Aos 12 anos, os meninos da elite, deixavam o ensino elementar e passavam a estudar autores clássicos e mitologia com o objetivo de adornar o espírito. Aos 14 anos, abandonavam as vestes infantis e aos 16 ou 17 anos podiam optar pela carreira pública ou o exército. Já as meninas, aos 12 anos, eram consideradas aptas para o casamento. O valor dado à formação do jovem era para a atuação na vida política e social e não somente para o trabalho, visando a formação de um cidadão segundo valores que poderiam elevar o nível de desenvolvimento da sociedade. Na Idade Média, as sociedades se organizavam no sistema feudal baseada em troca de serviços e terras. O termo juventude designava um estado no qual as pessoas se encontravam necessitadas de atenção e cuidado, merecedoras de orientação e desenvolvimento espiritual. Os jovens eram reconhecidos especialmente por sua energia, e a ocupação militar vinha com o intuito de corrigi-los, sendo o paradigma de boa educação e preparação para a idade adulta. Entre os séculos XVI e XVIII, a vida era dividida em etapas que correspondiam a atividades e a funções, entretanto, não havia uma diferenciação entre a infância e a adolescência. A partir do século XVIII surge essa diferenciação, embora ainda existisse certa confusão entre os conceitos. No século XIX descobre-se a infância e no século XX define-se e privilegia-se a adolescência, que passa a ter novos valores e capacidade de reavivar a sociedade. Daí em diante a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para frente. Rousseau (1712-1778) é considerado o pai dos conceitos modernos de infância e adolescência. Adolescência era considerada um estado específico, com características próximas das que encontramos nas descrições atuais - período de maior instabilidade e

<sup>1</sup> Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Unicamp. Membro do Grupo de Estudos do Brinquedo – GEBrinq – UNIFESP. E-mail: marcela.astolphi@gmail.com

<sup>2</sup> Enfermeira. Professora Doutora da Faculdade de Enfermagem da Unicamp. Pesquisadora do Grupo de Estudos do Brinquedo – GEBrinq – UNIFESP.

conflito emocional, mudanças biológicas e sociais acompanhadas por mudanças nos processos psicológicos, incluindo o desenvolvimento e capacidade de pensar com lógica. Stanley Hall é o precursor da concepção de adolescência, concebendo-a como uma etapa marcada por tormentos, crises, angústias e conturbações vinculadas à sexualidade. Solidifica a ideia de que é uma fase natural do desenvolvimento humano e que os padrões comportamentais ocorrem num modelo imutável e universal, independente do meio ambiente e características sócio-culturais. Entretanto, estudos antropológicos como o de Margareth Mead e Ruth Benedict, afirmaram que adolescência não é um fenômeno comum a todos e em todos os lugares. Erik Erikson propõe a Teoria Psicossocial, acreditando que existe uma dimensão social do desenvolvimento da personalidade que envolve uma série de acomodações, às quais chamou de etapas do desenvolvimento. Refere que em todas as etapas do desenvolvimento, o indivíduo enfrenta crises e precisa encontrar as soluções para poder atingir a fase seguinte. Assim, a crise de identidade seria típica, pois os adolescentes precisam de um período durante o qual experimentam as várias alternativas e se antecipam aos compromissos adultos. Dessa forma, podemos evidenciar que adolescência evoluiu, de fato, no século XX, após a Revolução Industrial, tendo como grande marco, as transformações sociais ocorridas após a II Grande Guerra e o nascimento da cultura jovem. Toda a história levou à adoção de novos hábitos, surgindo uma juventude que, em seu seio, abrigou o sexo livre, as drogas, a experimentação, homicídios e suicídios, DSTs e gravidez não planejada. No início do século XXI surge a expressão “onda jovem” para identificar o grande número de indivíduos desta faixa etária, devido a explosão da taxa de natalidade que ocorreu no início da década de 80 do século passado. Esses jovens se depararam com um cenário econômico adverso, dificuldades para empregar-se, incremento dos problemas sociais, especialmente os urbanos, modificações nos valores sociais, falta de perspectivas, diminuição da influência e controle tradicionalmente exercida pela família, igreja e comunidade. Ao mesmo tempo, o adolescente passa a ser considerado sujeito de direito e em fase especial de desenvolvimento. No Brasil, a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que regulamenta o Estatuto da Criança e do Adolescente, considera como adolescência a faixa etária de 12 a 18 anos de idade e, em casos excepcionais até os 21 anos de idade. Já a Sociedade Brasileira de Pediatria considera a faixa etária dos 10 aos 19 anos, 11 meses e 29 dias. Para a Organização Mundial da Saúde, a faixa etária abrange dos 10 aos 19 anos e para a Organização Internacional da Juventude, dos 14 aos 25 anos, sendo o termo “juventude” considerado o período do ciclo de vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero. Diante das diversas concepções da adolescência ao longo da história, fica explícita a necessidade deste conhecimento para que os profissionais de enfermagem possam, de fato, cuidar do adolescente de modo a considerá-lo como um ser único que necessita ser reconhecido em sua especificidade.

#### Referências

1. Campos GFVA. Adolescência: de que crise estamos falando? Campinas: Setembro; 2008.
2. Debesse MA. Adolescência. Lisboa: Europa-América; 1965.

Descritores: enfermagem, adolescência, cuidados de enfermagem.

Área temática: Processo de Cuidar em Saúde e Enfermagem